

## 7

### Itinerários do processo de formação religiosa

Vimos anteriormente que o Ensino Religioso não esgota a riqueza da antropologia inaciana. Ele apenas toca num aspecto muito importante, que é a dimensão espiritual através das perguntas mais centrais que a vida humana é desafiada a responder. Este capítulo tem como objetivo extrair do trabalho feito até agora as implicações concretas para o trabalho de evangelização escolar, que vai além do ensino religioso. Atenta-se, primeiramente, para o necessário pressuposto antropológico que estes contém e, em seguida, para os processos de evangelização levados adiante como conseqüências da visão inaciana de ser humano na sua relação com Deus.

A visão da evangelização desenvolvida na escola, até há pouco tempo, restringia-se ao anúncio do Evangelho através da catequese em sala de aula, de frequência obrigatória para todos os alunos. Isto significava, muitas vezes, desenvolver uma catequese meramente doutrinal, mais nocional que mistagógico-comunitária e que não partia das questões fundamentais vivenciada pelos mesmos. Hoje, é necessário, tomando em conta a situação dos alunos diante da vida e da experiência religiosa, pensar itinerários personalizados de evangelização.<sup>798</sup>

---

<sup>798</sup> Por trás dessa prática está certamente a preocupação com uma concepção de evangelização. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* apresenta um duplo conceito de evangelização. Este assume um significado mais estrito como “o anúncio claro e irresistível do Senhor Jesus” (EN 22). A própria exortação afirma que este anúncio ocupa um tal lugar na evangelização que com frequência se tornou seu sinônimo. No entanto, ele não é senão um aspecto da evangelização. Evangelização significa também “levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18). Ora, a preocupação em transformar por dentro e torná-las nova implica em partir de onde as pessoas estão, o que nem sempre foi um pressuposto da evangelização escolar.

Neste sentido, há de se ampliar o conceito de evangelização escolar para além do aspecto doutrinal. Um documento de 1984, do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, criado por Paulo VI, declara que a missão evangelizadora da Igreja “é uma realidade unitária, mas complexa e articulada”. Seus elementos principais são: presença e testemunho; empenho pela promoção social e pela libertação do homem; vida litúrgica, oração e contemplação; diálogo inter-religioso; e por fim anúncio e catequese<sup>799</sup>.

Tal compreensão, aplicada à realidade escolar, deve ser ampliada, o que não significa que o anúncio e a catequese não sejam importantes, mas nas atuais circunstâncias, não podem nem devem ser o primeiro passo a ser realizado no processo de educação da fé. Num contexto de cristandade é compreensível que assim o seja, dado que o anúncio vem reforçado pela catequese e vice-versa. Porém, no contexto de crise da linguagem religiosa, do pluralismo, da secularização é necessário repensar o ponto de partida.

O projeto de evangelização escolar, na perspectiva desta pesquisa, tem como ponto de partida o pressuposto antropológico iluminado pela *forma Christi* e levará adiante pelo menos três processos personalizados articulados, na medida do possível, entre si: <sup>800</sup> um itinerário mistagógico-teográfico, um processo de compreensão do mistério cristão, um processo de ensino religioso articulado com a formação em valores e em diálogo com as tradições religiosas. Tais processos são personalizados no sentido de que levam em conta os diferentes contextos e interesses nos quais se encontram os educandos face à busca e construção de sentidos.

### **7.1. Pressuposto antropológico-espiritual**

Para a antropologia inaciana, o ser humano é constitutivamente um ser espiritual. Muitas vezes, na perspectiva do senso comum, espiritual é entendido em oposição ao corpo. Porém, esse termo entendido em sintonia com a tradição

---

<sup>799</sup> Na opinião de um especialista em diálogo inter-religioso, Jacques Dupuis, a ordem correta seria: presença, serviço, diálogo, proclamação, e sacramentalização. Cf. In Teixeira, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*, São Paulo, Paulinas, 1995, p. 165, nota 336.

<sup>800</sup> Cf. PANINI. Ir. Joaquim. *A pastoral da escola Católica. Cadernos da AEC*, n. 69. Brasília: AEC do Brasil, 1999.

bíblica, diz respeito à dimensão essencial e integral do ser humano e assegura sua unidade contra toda forma de dualismo e de desvalorização da corporeidade.

No esquema dual, corpo e alma são princípios substanciais do ser humano, constitutivos de sua essência, e de cuja unidade procedem as potências operativas, distribuídas em vegetativas, sensitivas e intelectivas. Este esquema dual foi aprendido por Inácio quando de seus estudos filosóficos e teológicos. Este modelo não dá conta da riqueza da experiência dos Exercícios Espirituais. Para sua melhor interpretação deve-se lançar mão do esquema tripartido, que reflete melhor o que acontece com a pessoa que se propõe a passar pela experiência dos Exercícios espirituais. Neles está em jogo a manifestação de três formas fundamentais do ser humano: corpo, alma e espírito.

Na interpretação filosófica do Pe. Vaz,<sup>801</sup> o ‘corpo próprio’<sup>802</sup> é o gesto fundamental pelo qual o ser humano anuncia sua presença no mundo, situando-se no âmbito da exterioridade espaço-tempo do mundo. A ‘alma’ é o psiquismo,<sup>803</sup> que coordena o regime da representação e da afetividade, unidos pela memória; o espírito é o momento mais alto da auto-expressão do ser humano, sendo síntese da exterioridade e interioridade mais radicais, pois nele o ser humano se exprime como reflexividade absoluta em si mesmo, ou consciência de si: a auto-expressão do ser humano no espírito se faz como inteligência e liberdade.

É no ‘espírito’ que se dá a síntese entre exterioridade e interioridade,<sup>804</sup> síntese que é negação do caráter mundano da exterioridade corporal e do caráter subjetivo e mutável da subjetividade psíquica e conservação da relatividade do ser humano como ser situado. Essa relatividade está referida à transcendência absoluta da Verdade e do Bem ou à transcendência absoluta do Deus pessoal pela relação da criaturalidade. Portanto, a antropologia espiritual exige um fundamento filosófico que postule e afirme no ser humano esta abertura ao Transcendente através da categoria do espírito.<sup>805</sup>

<sup>801</sup> LEON-DUFOUR. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 294.

<sup>802</sup> *Ibid.*, p. 159

<sup>803</sup> *Ibid.*, p. 167 et. seq.

<sup>804</sup> *Ibid.*, p. 210

<sup>805</sup> *Ibid.*, loc. cit.,

No sentido teológico, a antropologia inaciana é coerente com o dado bíblico, pois este constitui o seu ambiente vital e espiritual por excelência. O ser humano é mais que a dualidade corpo-alma. Ele também é espírito. Na concepção antropológica do Antigo Testamento, o ser humano é uma totalidade que vive sob tríplice dimensão. É *basar*, carne, corpo. É portador de uma dimensão biológica como sua manifestação exterior e sensível. É *nefesh*, alma, vida, ou seja, psiquismo, alento de vida que lhe permite ser o que é. É também *ruah*,<sup>806</sup> isto é, a dimensão propriamente espiritual, pela qual é não somente ser vivente, mas ser humano, diferente do animal. É a dimensão que lhe permite entrar em relação com o Espírito.

O Novo Testamento vê no homem um ser complexo, a um só tempo, corpo, alma e espírito.<sup>807</sup> A forma definitiva do que seja o ser humano na perspectiva cristã foi apresentado por Paulo na carta aos Tessalonicenses: “O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de Nosso Senhor Jesus” (1Ts 5,23).

O Segundo Testamento vê também no espírito uma força inseparável do sopro respiratório e da vida (Lc 8,55; 23, 46), é sensível a todas as emoções (Lc 1, 47; Jo 11, 33), e muitas vezes em luta contra a carne (Mt 26, 41, Gl 5,17). No entanto, a experiência fundamental é que o espírito do homem é habitado pelo Espírito de Deus que a ele se une (Rm 8,16) e o qual o renova (Ef 4,23), para uni-lo ao Senhor e perfazer com ele um só espírito (1 Co 6,17).

O espírito humano é o modo peculiar de deixar-se interpelar e viver a amizade com Deus. “É a atitude básica, prática ou existencial, própria do homem e que é conseqüência e expressão de sua visão religiosa – ou ética – da existência: uma conformação atual e habitual de sua vida, a partir da visão e decisão objetiva e última”.<sup>808</sup> O espírito é o homem inteiro em sua resposta, positiva ou negativa, e assimilação da Palavra, em seu diálogo e relação ‘imediate’ ou mediata com Deus

<sup>806</sup> LADARIA, L. F. *Antropologia teológica*. Roma-Madrid: Paoline, 1983, p. 363 passim.

<sup>807</sup> *Ibid.*, p. 295

<sup>808</sup> BALTHASAR, H. Urs Von, *El evangelio como critério y norma de toda Espiritualidad en la Iglesia*, *Concilium* n. 9, 1965, p. 7-24.

indizível. A presença do espiritual se realiza pela ‘comoção’ provocada pelo encontro do crente com a Revelação.

Não há outro caminho senão a *forma Christi* como plenitude da Revelação e da identidade do ser humano. O chamado à comunhão com Deus em seu Filho constitui o mais profundo do ser humano. Este foi criado à imagem e semelhança de Deus, para que reproduza a imagem de Cristo, realizando, assim, sua vocação originária.

A relação especial de Jesus com o Pai é o núcleo central do mistério de sua pessoa. O mais profundo de seu ser de Filho é a relação com o Pai de quem tudo procede. É desta relação e desta vida filial que se nos revela o ser de Deus. Sua vida filial nos revela a Deus como Pai, enquanto Jesus se dá a conhecer como Filho. Esta revelação acontece no processo histórico de Jesus. O Espírito conduz e guia Jesus na disponibilidade total à vontade do Pai e vai desvelando a vida filial de Jesus. Deparamo-nos, assim, com a dimensão pneumática da cristologia, já que o Espírito está intimamente vinculado à manifestação histórica da filiação de Jesus.<sup>809</sup>

O Espírito Santo é a força e o impulso no desenvolvimento concreto da missão de Jesus. O Pai o concedeu a ele sem medida (Jo 3,34). Por isso a filiação de Jesus está vinculada inseparavelmente à presença do Espírito nele: na encarnação (Lc 1,35), no batismo (Mc 1,2) na pregação do Reino (Lc 4,1.14.18) e na ressurreição (Rm 1,4) o Espírito está indissociavelmente unido à manifestação de sua condição de Filho.<sup>810</sup>

Durante sua vida mortal, Jesus recebeu o Espírito do Pai. No seguimento do impulso do Espírito realiza, em cada momento das decisões de sua vida, sua obediência a Deus Pai. O Espírito tornou possível sua fidelidade ao Pai até a sua entrega à morte em sua obediência amorosa. No entanto, é após a ressurreição, na exaltação de Jesus, que sua condição de Filho se manifesta de modo pleno. Na ressurreição de Jesus ficou totalmente penetrada a força de Deus. É no momento da ressurreição que Jesus se converte em ‘espírito vivicante’, fonte e doador do Espírito, por já existir em plena união e intimidade com seu Pai. Assim, o dom do

---

<sup>809</sup> ARZUBIALDE, *Theologia Spiritualis*, p. 37 et. seq.

Espírito está relacionado com a perfeita comunhão de Jesus com o Pai. E isto, que aconteceu em Jesus de modo único e exemplar, será o processo de todo crente.<sup>811</sup>

A obediência-amorosa de Cristo ao Pai é a manifestação do amor das três Pessoas divinas ao ser humano. A humanidade típica e exemplar de Jesus deve ser concebida e entendida claramente como a palavra divina, livre e soberana, da qual não se pode dispor. Por ser pessoa, na qual definitivamente se revela uma pessoa divina, é então manifestação da vida intratrinitária.<sup>812</sup>

A relação de Jesus com o Pai determina nossa relação com Deus. O ser humano constitui-se por duas atitudes básicas: a livre disposição de si mesmo e ser em relação. Por isso Jesus, em sua abertura ao Pai, é pura disposição de si mesmo para o amor e o cumprimento da vontade do Pai e, pela obediência a este, se entrega sem reservas aos homens. Ele é, por sua pura disponibilidade à vontade do Pai, dom e amor até o fim. Esta é a consequência de seu ser Filho e de sua relação para com Deus como Pai.<sup>813</sup>

Mas o ser humano não é pura referência a um tu. Seu ser e seu ser pessoal não se identificam. Abrimo-nos ao outro sempre, em processo de evolutivo crescimento, na maturidade pessoal desde nossa condição de sujeito. Por isso nos experimentamos sempre como tendo em nós mesmos nosso centro. No entanto, posto que fomos criados, em última instância, para comunhão com Deus em Cristo, o chamado de Deus é o que nos constitui como pessoas. Somos seres humanos enquanto somos criaturas de Deus e, por sua vez, chamados por ele.

Nosso ser pessoal se realiza na opção livre por Deus e pelos homens, pela existência em fraternidade com relação a todos os seres humanos e na filiação com relação a Deus. E esta é obra do Espírito, que vai amadurecendo a liberdade humana num processo ilimitado de assimilação da vontade do Pai à semelhança de Jesus. Se Jesus é pessoa, enquanto é pura relação com o Pai, nós o somos porque estamos chamados a participar nesta relação, ainda que desde nossa

---

<sup>810</sup> LADARIA, L. F. *Antropologia teológica*, p. 363 passim.

<sup>811</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>812</sup> BALTHASAR, H. Urs Von, loc. cit.,

<sup>813</sup> LADARIA, op. cit.,

contingência de criaturas. É o Espírito de Jesus, presente em nós, que possibilita nossa abertura a Deus e aos homens.

O Espírito é o dom de Jesus ressuscitado. É no ser humano uma referência constante ao Cristo ‘pneumático’. Recorda em nós o Jesus histórico, por isso é o espírito da Verdade. Por habitar em nós nos assimila a Cristo. Ele nos dá plena inserção em Cristo, nos ensina a obediência filial ao Pai, própria de Jesus. Neste sentido possibilita um discernimento de todas as coisas, sempre com o objetivo de buscar e encontrar a vontade de Deus. Temos a experiência do Espírito Santo, na medida em que nos deixamos assimilar a Cristo e, movidos, pelo seu Espírito, buscamos a vontade do Pai sobre nós e em nossa relação com as coisas em relação habitual de discernimento. A inabituação do Espírito no homem é a garantia da presença de Jesus.<sup>814</sup>

Portanto, a principal tarefa que se coloca para a evangelização é levar adiante a educação, a descoberta e o cultivo da dimensão espiritual do ser humano como partida para o reconhecimento da realidade da Revelação. A dimensão espiritual não é reconhecida espontaneamente pelos educandos. De um lado, o contexto em que vivem é marcado por realidades antepenúltimas e penúltimas que acabam por encobrir a realidade última do Espírito. De outro lado, as ciências que embasam os diversos componentes curriculares pressupõem a existência do *psychikos antropos*, isto é, a existência do homem pertencente à ordem biológica ou psicofisiológica. A escola moderna não reconhece necessariamente o *pneumatikon antropos*. Este não é reconhecido como ‘objeto’ de conhecimento.

O processo de evangelização escolar, se quiser ser conseqüente e colocar bases firmes para o desenvolvimento posterior da mesma, terá que começar do início, isto é, da experiência fundante do encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo. Este será o primeiro passo do itinerário de evangelização do qual nasce o encantamento. Este conduzirá ao segundo passo, que consiste no desejo de conhecer e aprofundar a identidade da mensagem e do mensageiro da boa-notícia.

---

<sup>814</sup> ARBUBIALDE, *Theologia spiritualis*, p. 42 et. seq.

## 7.2. Educação da fé I: itinerário mistagógico-teográfico

Muitas vezes, a evangelização restringiu-se à transmissão dos conteúdos doutrinários e menos àquilo para o qual eles remetem e/ou de onde nascem. No contexto de uma sociedade que superou a cristandade, marcada hoje pelo apelo ao emocional e pela cultura de sensações, que caracteriza a pós-modernidade,<sup>815</sup> é necessário recomeçar pelo dado mais primordial - a experiência reveladora.<sup>816</sup>

Para Karl Rahner, a relação com Deus

não é em primeiro lugar uma relação temática, explícita. Esta é só uma forma secundária (não insignificante) da relação primordial com Deus, que esta relação conceitual e temática com Deus está sustentada, e o estará sempre, por uma referência precedente, atemática, transcendental de todo nosso ser espiritual à infinitude insondável (...). A autêntica relação com Deus não consiste simplesmente em desenvolver e cumprir a temática objetiva e conceitual sobre Deus, mas também e sobretudo em aprofundar, vivificar e deixar que apareça essa relação originária (subjéctiva), ontológica e transcendental (...). Sempre nos segue resultando algo obscuro o modo com que podemos representar-nos essa relação originária com Deus, o modo exato em que devemos estabelecer o sentimento de saber-nos sustentados e rodeados por ele desde o fundo mesmo do ser.<sup>817</sup>

Em seguida, ele indica alguns lugares nos quais Deus se deixa encontrar. É necessário deixar aflorar as realidades fundamentais do espírito: o silêncio, o anseio pela verdade, a angústia, o anseio pelo amor e o anseio de comunhão. Vivendo essas experiências poderá emergir no ser humano um certo conhecimento primordial de Deus. Talvez o captemos como o nada, o Ausente, o Inefável. Posteriormente, vem a meditação, a pregação.<sup>818</sup> “Sempre que a religiosidade se transmite só através de um conceptualismo intelectual refinado e complicado, através de intrincadíssimos teologúmenos, no fundo trata-se de uma religiosidade falsa”.<sup>819</sup>

Por isso, parece-nos que o horizonte da evangelização escolar, depois de se oferecer o espaço do ensino religioso como preâmbulo à fé, passa, em primeiro

<sup>815</sup> GONZALEZ BUELTA, B. *Orar em um mundo fragmentado*, SP, Loyola, 2007.

<sup>816</sup> “A experiência é o único meio para chegar ao conhecimento vivido, ao contato efetivo com Deus. Todos os recursos da religião e da teologia nos fariam ter que confessar com Jó: até agora te conhecia de ouvidos; agora meus olhos te viram” (Cf. VELASCO, M. *La experiência de Dios, hoy*, p. 7).

<sup>817</sup> RAHNER, K. *El sacerdocio*, p. 17.

<sup>818</sup> *Ibid.*, p. 18

<sup>819</sup> *Ibid.*, p. 19.

lugar, pela capacidade de ajudar educandos a lerem a ‘escrita de Deus em suas vidas’ – Teografia.<sup>820</sup> O teólogo jesuíta Ulpiano Vásquez tem desenvolvido esse tema, que a nosso ver, ilumina as fontes de onde deve partir o serviço da fé no contexto escolar.

Ele chama a atenção para a importância de se levar adiante um processo de ‘alfabetização espiritual’.<sup>821</sup> A primeira lição da vida espiritual consiste em aprender a ler dentro de nós aquilo que Deus escreve, ler as marcas deixadas por Deus; depois consiste em discerni-las, distinguindo-as de outras marcas e, finalmente, escrever o que foi discernido e aprendido.

O pressuposto da alfabetização espiritual encontra-se na afirmação de Paulo na Segunda Carta aos Coríntios 3,3: “Com toda a evidência, vós sois uma carta de Cristo, confiada a nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, que são os vossos corações”.<sup>822</sup> É preciso, portanto, ter ciência das coisas de Deus, bastando para isso que a pessoa aprenda a ler o que Deus escreve nos corações.

O próprio Santo Inácio fez tal aprendizado a partir de sua própria experiência, em três níveis. O primeiro, mais superficial ou exterior, foi a tomada de consciência da diversidade de pensamentos, que denomina também fantasias. Tais pensamentos, na medida em que evoluem e encadeiam, formam um discurso que contém no seu bojo propostas divergentes: ou seguir o mundo ou ir para Jerusalém.<sup>823</sup>

O segundo é que esses pensamentos conduziam a outras diversidades à qual Inácio atribui maior importância: a diversidade de sentimentos, chamando-a de consolação e desolação. As marcas que a consolação e a desolação deixam são igualmente diversas. Fascinado pelas fantasias mundanas, observa que essa empolgação dura enquanto se está pensando nas glórias do mundo, ao passo que a consolação de Cristo tem duração prolongada.<sup>824</sup>

<sup>820</sup> VÁSQUEZ, Ulpiano, *Contemplação para alcançar Amor*, Loyola: São Paulo, 2005

<sup>821</sup> Id., *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 73.

<sup>822</sup> TEB. *Bíblia tradução ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994

<sup>823</sup> VÁSQUEZ, Ulpiano, *A orientação espiritual: mistagogia e teografia.*, p. 75

<sup>824</sup> Ibid., p. 76

Terceiro, que dessa tomada de consciência surge o terceiro nível, mais fundamental, que começa a conhecer por experiência: a diversidade de espíritos. Percebe a ação de dois agentes em cena: Deus e o demônio.

Com esses três passos Inácio aprendeu a primeira lição. Estava certo que Deus estava presente durante toda a sua existência, mas ele não o captava, pois não entendia a linguagem de Deus. Somente por ocasião de sua conversão, conseguiu articular a diversidade de pensamentos com a de sentimentos e, finalmente, com a diversidade de espíritos que o moviam. Daí por diante, acolherá as moções do bom espírito e rejeitará as do mau espírito.

“O resultado da percepção e descoberta desses três níveis com a ação do bom e do mau espírito constitui o que poderíamos chamar de teografia, ou seja, a escrita de Deus ou o modo como Deus se inscreve, deixando marcas que podem ser lidas”.<sup>825</sup> Não se trata de uma leitura de Deus na Sagrada Escritura, mas da leitura dessa carta de Cristo, escrita pelo Espírito em nós mesmos, em nossos corações. A teografia, nesse caso, é o conjunto das marcas de Deus na vida. O caminho é fazer uma releitura da própria vida, procurando essas marcas.

Entretanto, não se trata de um processo de volta sobre si mesmo, como fruto de interiorização e reflexão. É necessário ter um horizonte referencial desde o qual estas marcas possam ser reconhecidas e lidas. Este horizonte pede um processo ‘mistagógico’,<sup>826</sup> isto é, a iniciação aos mistérios da vida de Cristo. Supõe a contemplação do caminho que vai da encarnação à Ascensão. A finalidade da consolação e da desolação é justamente poder ajudar a perceber de que maneira os mistérios da vida de Cristo são uma mistagogia, uma iniciação que vai indicando por onde o ser humano deve caminhar.

Desse modo, o ser humano encontra-se diante do ‘horizonte epigenético’,<sup>827</sup> ou seja, de um horizonte que vai regenerando e refazendo sua vida e encontrando a sua verdade, à medida que contempla a vida de Cristo, verdadeiro fundamento da história. A contemplação da vida de Cristo o ajuda a compreender e realizar a gênese – o princípio, a geração - da própria vida.

---

<sup>825</sup> Ibid., p. 78

<sup>826</sup> Id., *Contemplação para alcançar Amor*, p. 20

<sup>827</sup> Id., *A orientação espiritual*, p. 26

Teografia e mistagogia unidos formam como que um ‘aparelho hermenêutico,’<sup>828</sup> pois permite ao ser humano interpretar-se, decifrar a vida no espelho do texto, do texto que lhe é dado, para contemplar com os cinco sentidos e a refletir sobre si mesmo. Não se trata de decifrar o texto em si, mas a vida à luz do texto. É o caminho dos mistérios da vida de Cristo, que cria no ser humano as marcas - teografia - de consolação ou desolação, na medida em que é afetado pela vida de Cristo, o que o leva a uma decisão de liberdade e de eleição.

A pedagogia dos *Exercícios Espirituais* ilumina, assim, o processo pedagógico da evangelização. O itinerário que Roland Barthes explicita em sua obra pode iluminar o que aqui afirmamos. Roland Barthes<sup>829</sup> identifica quatro textos no livro dos exercícios: o primeiro é o texto literal (nível objetivo): é o que Inácio dirige ao que dá os Exercícios. Representa o nível literal de sua obra, sua natureza objetiva e histórica. O segundo é o texto semântico (nível de declaração): é o texto daquele que dá os Exercícios dirige ou entrega ao que os faz. O terceiro é o texto alegórico (nível de oração). O exercitante havendo recebido o texto anterior, ele mesmo compõe um terceiro texto: faz seus próprios pontos e diálogo pessoal com Deus. O quarto texto é o texto anagógico (nível de resposta): aqui é Deus quem responde os apelos que lhe dirigiu o exercitante. Passo a passo, o exercitante vai subindo da letra dos exercícios à sua declaração e ação até alcançar seu sentido místico.

Fazendo a transposição didática para a escola, a tarefa do educador orientador é, à luz da predisposição cognitiva, espiritual e afetiva dos educandos, compor o texto semântico e apresentá-lo brevemente. Aqui, trata-se de apresentar as narrativas do mistério cristão, não dos conteúdos doutrinários em primeiro lugar tal como se apresentam sistematizados no Catecismo Oficial. Estes serão objetos de ensino-aprendizagem noutra oportunidade. Trata-se aqui da experiência fundante ou da ‘alfabetização espiritual’.

O texto alegórico e anagógico exigem a criação de um ambiente litúrgico-comunitário, o qual cria a ocasião para expressão da fé e de recuperação da unidade da experiência antropológica. No seu livro “Pedagogia Sagrada”, Helena

<sup>828</sup> Ibid., p. 29

<sup>829</sup> Cf. BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 37 passim.

Lubienska de Lenval mostra que a liturgia, única pedagogia autêntica das Igrejas cristãs, “preserva ou restaura a integridade de todo o ser” mediante uma atividade simultaneamente corpórea, psíquica e espiritual:

“Assim, ela repara os prejuízos da pedagogia profana, que retalha o homem, fazendo, na aula, abstração do corpo e, no recreio, abstração do espírito. Tratado aqui como intelecto puro, e lá como bruto irrefletido, o aluno não pode adquirir a consciência de sua unidade fundamental de homem, cujo espírito é outorgado ao corpo para servir-lhe de guia e o corpo ao espírito para servir-lhe de trampolim”.<sup>830</sup>

A liturgia, portanto, restaura a unidade do ser humano.

Esse primeiro itinerário tem, portanto, por finalidade ajudar os educandos a fazerem a experiência de inserção no Mistério que se manifestou e realizou plenamente em Cristo Jesus (Rm 16,25; Ef 1,9; 3,3-9; Col 1, 26-27; 2,2; 4,3; 1 Tm 3,16), ‘mistério escondido desde a origem dos tempos, revelado agora a todos os povos’ (Col 1,26).

Este mistério consiste em que a conjunção do humano e do divino se realizou integralmente numa pessoa, Jesus de Nazaré, o Cristo. Como foi possível tal união? Mediante a plenitude de ambas entregas. “Em Cristo Jesus o divino adentrou no humano e o humano no divino por uma recíproca entrega cada vez mais profunda até fazer-se total e indissolúvel”.<sup>831</sup>

A experiência mística cristã não busca outra coisa que esta unificação, e tem Cristo Jesus como modelo e caminho. Então, esta é a primeira tarefa do trabalho de evangelização, pois a escola se apresenta como um novo areópago que desafia a fé cristã.

Esse processo mistagógico-teográfico, oferecido aos educandos que o desejarem, poderá conduzir ao segundo nível, caracterizado pela busca de uma compreensão e aprofundamento daquilo que puderam experimentar e saborear internamente por si e com a ajuda do educador orientador. Teríamos, assim, um segundo processo que poderá ser disponibilizado aos educandos.

<sup>830</sup> LUBIENSKA, H. *Pedagogia Sagrada*, Desclée de Brouwer, 1966.

<sup>831</sup> MELLONI, J. *Los Ejercicios como experiencia mística*, Manresa, vol. 76, 2004, p. 355

### 7.3.

#### Educação da fé II: apresentação do mistério cristão

O segundo processo da evangelização caracteriza-se por dois procedimentos: pela articulação da fé com a cultura e pela inculturação da fé no contexto escolar. Trata-se, num primeiro momento, de *evangelizar a cultura* juvenil. Nesse sentido, o primeiro problema da escola católica parece não ser o da proposta da fé, mas o da transmissão de uma cultura aberta às dimensões espirituais e religiosas, às perspectivas cristãs e evangélicas. A escola oferece chaves de leitura para o discernimento humano e cristão, de modo que o saber adquira significado e sentido para a pessoa inserida no mundo moderno.<sup>832</sup>

No contexto de uma sociedade plural, como a atual, a escola corre o sério risco de renunciar a sua função educadora e pretender ser uma hipotética escola neutra que nada teria a ver com os problemas humanos do sentido, mas unicamente com a transmissão dos saberes, definidos preferencialmente pelas motivações racionais e técnicas e definidos pela razão instrumental. Tal princípio postula uma escola voltada exclusivamente para a formação em função do mundo do trabalho ou para resultados imediatos.

No contexto da escola moderna, marcada pelo pluralismo cultural e religioso, o método mais eficaz para o processo de ensino-aprendizagem é o diálogo como base de uma formação humanista,<sup>833</sup> semelhante ao modo como o orientador o estabelece com o exercitante ao seguir os exercícios inicianos.<sup>834</sup> Ou seja, ao mesmo tempo em que o orientador oferece ao exercitante pautas para meditação e contemplação, perscruta e ausculta o que se passa em sua experiência interior, fazendo, assim, que os pontos de oração adaptem à realidade do mesmo. Do mesmo modo, o educador, ao recolher dos educandos seus sentimentos, perguntas e experiências torna-os critérios para escolha dos saberes que os ilumine e os tornem inteligíveis.

<sup>832</sup> Cf. AZEVEDO, Marcelo. *Modernidade e cristianismo. O desafio da inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981.

<sup>833</sup> ZITKOSKI, J. J. *Diálogo/dialogicidade*, In STRECK, D. et al. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.130-131.

<sup>834</sup> Cf. EX 6-14.17. Nesse sentido, a Congregação Geral 34 chama a atenção para a importância do diálogo inter-religioso em seu 5º decreto. “O diálogo nos ajuda a reconhecer que a Palavra de Deus foi comunicada a essas religiões e que o Espírito de Deus está presente nelas com sua presença salvífica” (n. 6).

Por crer que Deus age em toda a criação e em toda a história humana, conforme o Princípio e Fundamento e a Contemplação para alcançar Amor, a catequese promove o diálogo entre a fé e a cultura, incluindo o diálogo entre a fé e a ciência. Este diálogo reconhece que as pessoas assim como as estruturas culturais “são humanas, imperfeitas e às vezes afetadas pelo pecado e necessitadas de conversão; ao mesmo tempo, descobre a Deus que se revela de maneiras diversas e distintas culturalmente”.<sup>835</sup>

Além do diálogo fé-cultura, é necessário avançar para o segundo nível de diálogo, pois ele não está isolado no contexto escolar. Se o diálogo pretende fazer sentido para seus interlocutores deverá aproximar conhecimentos e buscar unidade entre os diferentes saberes. Nesse sentido, a formação catequética passará também pelo diálogo com as questões levantadas pelas outras disciplinas. Abrir ao aluno, em primeiro lugar, a problemática do sentido último, profundo da vida é problemática inabordável em outras ciências<sup>836</sup> que deve ser respondida pela fé cristã.

A catequese escolar é desafiada, se quiser ser significativa para os alunos, a dialogar com outros saberes. E tal diálogo deve ir além do trato de temas afins. Deve avançar para um nível mais profundo, ou seja, aquele em que “cada disciplina configura a personalidade do aluno”.<sup>837</sup> . Inácio não se preocupava, nos exercícios, com o ensino da doutrina cristã, mas com a experiência concreta do exercitante, que se colocava em caminho, em busca da vontade de Deus. À luz dessa experiência propunha os pontos que deveriam ser objeto de oração, pontos advindos da tradição cristã, da história da salvação.

O processo educativo tem uma finalidade específica: “a formação da *pessoa equilibrada*, com uma filosofia pessoal de vida que inclui hábitos permanentes de reflexão. O fator integrativo no processo de “descobrir a Deus e compreender o verdadeiro sentido da vida humana é a teologia, apresentada através da formação religiosa e espiritual”.<sup>838</sup>

---

<sup>835</sup> CESJ, 38

<sup>836</sup> CEEC, *La enseñanza religiosa escolar: su legitimidad, caracter próprio y contenido*, Madrid: Edice, 1999, p. 37

<sup>837</sup> Ibid., p. 38

<sup>838</sup> CESJ, n. 34

O característico do trabalho catequético será o diálogo da fé com a cultura,<sup>839</sup> veiculada pelas várias áreas de conhecimento. Os conhecimentos da área de *História* educam o aluno para o sentido histórico e o provoca a ser sujeito ativo na história, a partir do conhecimento e discernimento crítico do passado e do presente. Neste sentido, a catequese contribui apresentando o caráter dinâmico da religiosidade no sentido da busca pelo sentido da vida no cristianismo em sua evolução histórica.

As Ciências Naturais colocam para a fé não só as questões relativas ao início da vida (evolucionismo, criacionismo, origem do universo), mas a constituição de uma racionalidade científica. A catequese localiza aqui a busca e construção da transcendência, mas também coloca para reflexão que a compreensão total do mundo não se restringe à racionalidade científica.

Literatura e Artes não só colaboram com a catequese ao trazerem para o universo do educando produções em que a dimensão religiosa e de transcendência se explicita (literatura, pintura, música), mas, sobretudo, porque tais matérias expressam os desejos mais profundos do ser humano – misérias, alegrias. Educar o sentido artístico do aluno é ajudar a sintonizar com as obras em que melhor o espírito humano se plasmou. Possibilita também o encontro com Deus através da beleza e da arte.

Deste modo, a catequese escolar fará suas as finalidades gerais da escola, confrontando-as com o humanismo cristão. Capacita seus alunos a captar a estrutura semântica da linguagem cristã e sua função insubstituível na configuração da personalidade.

Além do diálogo entre fé e cultura, a catequese tem como tarefa a inculturação da fé,<sup>840</sup> ou seja, a apresentação da proposta do sentido cristão do mundo, do homem, da história e o anúncio da mensagem de salvação. Isto se fará através de uma metodologia ativa e numa linguagem compreensível aos destinatários juvenis. Esta etapa pressupõe a formulação racional da fé cristã e sua

---

<sup>839</sup> CG 35 – dec. 3,2; dec. 4,10; dec. 6,10.

<sup>840</sup> Cf. MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da fé*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 87 passim. Cf. também AZEVEDO, Marcelo de Carvalho. Inculturação. In: R.LATOURELLE & R. FISICHELLA (Dir.). *Dicionário de teologia fundamental*. p. 464; Id. *Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé*, p. 263-265.

integração no conjunto de conhecimentos humanos, como elemento crítico e normativo, bem como pelo testemunho dos educadores, na medida em que estes encarnam o evangelho na vida, convertendo-se em testemunhas vivas para os alunos.

O horizonte antropológico do processo de evangelização escolar é revelado pelo cristológico. Neste sentido, sua finalidade será a formação de homens que

“não vivam para si, senão para Deus e para seu Cristo; para Aquele que por nós morreu e ressuscitou; homens para os outros, quer dizer: que não concebam o amor a Deus sem o amor ao homem; um amor eficaz que tem como primeiro postulado a justiça e que é a garantia única de que nosso amor a Deus não é uma farsa, ou ainda uma roupagem farisaica que oculte nosso egoísmo”.<sup>841</sup>

É importante acentuar mais uma vez que o cristocentrismo norteará os programas de formação cristã. Primeiro, entendendo a educação cristã como iniciação ao seguimento de Jesus Cristo para os alunos cristãos. No centro do currículo encontramos uma pessoa: Jesus de Nazaré, unigênito do Pai, cheio de graça e verdade, que sofreu, morreu por nós e que ressuscitado vive para sempre entre nós. Ele é o Verbo de Deus encarnado. Em segundo lugar, a transmissão do projeto de Jesus Cristo, a sua vida, missão - o Reino de Deus e a fidelidade ao Pai.

De outro lado, fazendo ver que o teocentrismo-trinitário ocupa lugar de destaque na catequese. Como Jesus Cristo é o centro da história da salvação, o mistério de Deus é o centro do qual parte esta história e ao qual se ordena como fim último. Cristo crucificado e ressuscitado conduz os homens ao Pai, enviando seu Espírito Santo à Igreja. Por Cristo, ao Pai no Espírito Santo.

Pensar as diretrizes catequéticas para os educandos ao longo das várias etapas da escola básica pressupõe ter presente, além do fato de que a formação religiosa vem unida ao desenvolvimento humano, também a necessidade de atender as capacidades e finalidades próprias da instituição escolar.

Na fase da educação infantil, as crianças caracterizam-se pelo interesse e capacidade de entrar em relação com as coisas e pessoas. Tal interesse se manifesta nas perguntas contínuas sobre a realidade que lhes rodeiam. Tomam

---

<sup>841</sup> *CESJ*, n. 82

consciência de que não estão sozinhas no mundo; que há algo e alguém distinto delas. Esse processo avança por ocasião da etapa escolar, quando entram em contato com crianças fora do âmbito familiar.

Em se tratando dos temas catequéticos para a educação infantil destaca-se o papel da família e da escola. À família, mais que a instrução, cabe a transmissão religiosa a partir de seu próprio testemunho da vivência dos valores cristãos no lar. Cabe a esta a iniciação à experiência litúrgica e comunitária da fé. À escola cabe o papel complementar, o que pede também de seus educadores a atitude de testemunho dos valores cristãos, para assegurar a coerência na formação.

A criança começa a dar-se conta da existência de outras realidades superiores: Deus, Jesus, Maria. Descobre uma referência religiosa por osmose, assumindo formas de atuar e interiorizando os sentimentos religiosos provenientes do contexto familiar. A relação afetiva e de confiança, que estabelece com seus pais e educadores, favorece seu despertar religioso.<sup>842</sup> Assim, a vida religiosa cristã se lhe apresenta como conatural ao crescimento humano.

A criança de três a seis anos vive o período do despertar de suas capacidades religiosas. “A educação religiosa visa assegurar e ampliar os diferentes âmbitos do desenvolvimento da criança, tornando-a disponível para a relação com Deus Pai”.<sup>843</sup> Em termos de experiência pessoal, a criança está descobrindo o meio físico e social; desenvolvendo a comunicação e representação da realidade e iniciando a construção de sua identidade e autonomia pessoal.

A catequese terá nessa faixa etária a finalidade de, em primeiro lugar, ajudar os alunos a observar os objetos, as pessoas e os símbolos cristãos no seu entorno escolar, familiar e da vida comunitária. Em segundo, favorecer uma aproximação ao primeiro dado fundamental da fé – Deus Criador é nosso Pai. Em terceiro, proporcionar um conhecimento elementar da vida de Jesus e de Maria. Quarto, traduzir as expressões da experiência religiosa com cantos, orações, expressão

---

<sup>842</sup> Ibid., p. 156.

<sup>843</sup> HERRAN *Educación infantil Personalizada.*, P. et al. Madrid: Ediciones Rialp S.A, 1993, p. 409.

corporal e plástica. Quinto, desenvolver atitudes de amor e respeito às pessoas e aos demais seres criados.<sup>844</sup>

Ao final da educação infantil espera-se que as crianças descubram que os cristãos chamam de Pai ao Deus Criador de todas as coisas, que se faz presente em cada pessoa, quer seu bem e que perdoa sempre. Deverá ainda saber que Jesus nasceu em Belém, é amigo de todos, que morreu e ressuscitou para salvar todos os seres humanos. Deve saber que Maria é a Mãe de Jesus e também Mãe de todos os cristãos, formando uma grande família.

É importante que sejam capazes de representar, nas linguagens diversas, algumas expressões fundamentais da fé cristã descobrindo os sentimentos e atitudes religiosas nelas contidas. Descobrir que o corpo, capaz de se expressar nessas linguagens, é presente de Deus e que Este deseja seu crescimento e desenvolvimento. Vivenciar valores humanos e cristãos como o respeito, confiança, verdade, alegria e admiração nas várias comunidades de pertença. Exercitar os primeiros hábitos e habilidades motrizes, sensitivas e corporais para chegar à própria interioridade, através de oração, cantos e festas religiosas.<sup>845</sup>

As crianças de oito aos onze anos situam-se na fase operativo-concreta, marcada pela paulatina apreensão intelectual. Seu processo natural vai do intuitivo e imaginativo ao racional, chegando a sintetizar e estruturar seus próprios conhecimentos. No entanto, os seus interesses vão além da natureza das coisas ou dos fatos. Nesse momento, são freqüentes as perguntas sobre o por quê e o para quê das coisas. Desejam saber a causa ou a finalidade de determinada realidade, acontecimento, idéia ou conceito. Ao mesmo tempo, a saída do âmbito familiar suscita o início da sociabilidade para além das fronteiras familiares.

Nessa fase, é possível aproveitar essa influência para o desenvolvimento das virtudes sociais como o espírito de serviço, a generosidade, a confiança, a alegria. Os alunos manifestam o desejo de participar, ao mesmo tempo, que reafirmam sua individualidade, querendo destacar e sendo sensíveis ao aplauso e crítica.

Para estes educandos da escola primária convém transmitir-lhes

---

<sup>844</sup> Ibid., p. 411

<sup>845</sup> Ibid., p. 412

“os principais mistérios da fé cristã e a repercussão em sua vida moral e religiosa. Será uma transmissão didática, fixando bem os conceitos elementares (...). Trata-se de descobrir o elemento cristão partindo do imediato para incorporá-lo progressivamente ao nível de conhecimento e atitudes da pessoa que se educa”.<sup>846</sup>

É oportuna ocasião para abordar os Mandamentos como forma de configuração da vida cristã. Num clima positivo trata-se também do tema do pecado como privação voluntária do bem e do amor de Deus e ao mesmo tempo descobrir o valor e sentido da penitência na vida cristã. Caberá ainda a instrução sobre os sacramentos, uma vez que é nessa fase que se preparam para o sacramento da eucaristia.

A fase da pré-adolescência, que vai de 12 aos 14 anos, que antecede o ensino médio, é caracterizada por uma série de transformações que incidem notavelmente em sua formação cristã. Há uma passagem da simples apreensão de conceitos, como nas fases anteriores, para a compreensão mais profunda dos mesmos, de fatos e realidades que experimenta. A experiência pessoal tem um especial relevo. A catequese não pode prescindir das realidades vitais que lhes afetam, das interrogações e aspirações que estas lhes colocam e das experiências fundamentais que vivem.<sup>847</sup>

Deve-se tomar em consideração sua experiência de crescimento e mudança; a busca de uma primeira experiência adulta da identidade, vivida na relação com os outros e com o mundo, bem como a busca da própria identidade cristã.<sup>848</sup> Além disso, é a fase do nascimento da subjetividade-intimidade, desde a qual se responde a pergunta sobre quem de fato é, ou seja, a pergunta pela sua identidade.

Do ponto de vista da formação religiosa, o pré-adolescente não se conforma com a simples e dócil aceitação da mensagem revelada recebida até então. Busca entender o mistério cristão para uma primeira justificação de sua fé. “É o momento de certo racionalismo teórico que em algumas ocasiões tem manifestação de certo indiferentismo prático”.<sup>849</sup> Buscam não tanto conhecimentos teóricos do cristianismo, mas a coerência de vida das pessoas que professam a fé

<sup>846</sup> GARCIA HOZ (Dir). Enseñanza y formación religiosa en una sociedad plural. Madrid: Ediciones Rialp, S.A, 1993, p. 160.

<sup>847</sup> Ibid., p. 162

<sup>848</sup> Ibid., p. 163

<sup>849</sup> Ibid., p. 164

cristã. Chamam-lhe a atenção o exemplo de lideranças históricas coerentes da Igreja.

Há também um desejo incontido de saber e descobrir os segredos da natureza e da humanidade. A experiência do mundo que lhes rodeia e, sobretudo do entorno humano no qual se movem. É uma oportunidade de se colocarem a serviço num clima de harmonia com os demais. É o momento de lhes oferecer oportunidades de se sentirem úteis e assumirem um sentido de responsabilidade.

Em termos catequéticos, é ocasião do desenvolvimento das virtudes marcadamente sociais e a participação consciente e ativa nas celebrações de caráter associativo.<sup>850</sup> É o momento oportuno de fomentar neles profundas atitudes cristãs que tenham como ponto de apoio o nascimento da convicção. É o momento de apresentar as exigências da fé cristã de um modo apaixonado.

A evangelização deve ser encaminhada tendo como horizonte a experiência dos acontecimentos pessoais e sociais, de modo que os alunos cheguem a um conhecimento cada vez mais profundo e vital da mensagem cristã e julguem as situações concretas ou comportamentos humanos à luz da revelação.<sup>851</sup>

A proposta da mensagem cristã acompanhará, ilustrará e potenciará o laborioso nascimento do sentimento de identidade. O trabalho catequético dá um sentido ao desejo do pré-adolescente de situar-se diante de si, dos demais, da história e da sociedade. Nesse sentido, a mensagem cristã será captada em sua significação viva conferindo-lhe sentido. É importante, nesta etapa, apresentar uma abordagem teórica e prática da linguagem litúrgica. Ao mesmo tempo, fomentar as virtudes morais que facilitarão o crescimento na formação da consciência.<sup>852</sup> Diferente da fase que vai de oito aos onze anos, na qual a apreensão dos mistérios cristãos é apreendida em si mesma, na fase da pré-adolescência, sua apreensão se dá ligada às questões do cotidiano em termos de sua interpretação.

A adolescência caracteriza-se pelo

---

<sup>850</sup> Ibid., p. 164

<sup>851</sup> DGC, 38

<sup>852</sup> GARCIA HOZ, op. cit., p. 165

“descobrimto de si mesmo e do próprio mundo interior; é o momento dos projetos generosos, momento em que brota o sentimento do amor; assim como os impulsos biológicos da sexualidade, do desejo de estar juntos; momento de uma energia particularmente intensa, relacionada com o descobrimto da vida. É também a idade das interrogações mais profundas, das buscas angustiosas, inclusive frustrantes, de desconfiança com os demais, idade dos primeiros fracassos e amarguras”.<sup>853</sup>

Vários traços lhe caracterizam. Ocorre uma intensificação do conhecimento do eu pessoal com o nascimento da intimidade. É a etapa da reflexão sobre si mesmo e sua personalidade. Também é o momento de reflexão sobre temas que lhes são transmitidos e seus significados.<sup>854</sup> O jovem experimenta uma série de possibilidades diante das quais tenta, experimentando-as, deduzir leis e normas gerais.

Junto à maturidade intelectual, inicia-se a maturidade afetiva que se manifesta no desejo de reafirmar sua individualidade frente ao mundo que lhe rodea. É o momento de aceitar-se e de responder às grandes interrogações que surgem. O encontro afetivo com os demais tem sua origem na necessidade que experimenta de ser amado, apreciado e valorizado. Ele foge do trato paternalista para refugiar onde o afeto e a segurança respaldam seu desenvolvimento natural e não perturbam seu desejo de independência ou autonomia. Daí a estima pela lealdade e amizade como valores que devem ser conquistados.

Outra característica é a radicalidade de seus juízos. É necessário, nesse sentido, insistir no discernimento crítico dos conhecimentos e dos conceitos. É a ocasião propícia para a representação dos valores que de alguma maneira dão sentido à própria vida. O discernimento destes valores e a orientação de seu comportamento é uma das tarefas que de alguma maneira marcam o sentido de sua vida e favorecem o desenvolvimento de sua personalidade. Nesse contexto, aparecem as crises decorrentes da percepção de valores contraditórios e incoerentes, e, sobretudo quando não encontram respostas ao para quê de sua vida e de seus atos.<sup>855</sup>

---

<sup>853</sup> CT 38

<sup>854</sup> GARCIA HOTZ, op. cit., p.167

<sup>855</sup> Ibid., p. 169

Essa fase, em que se conclui o juízo crítico do aluno, é o momento do ponto de vista curricular, da análise do mistério cristão, acompanhado de um discernimento no interior da própria mensagem cristã e na sua relação com a cultura. É uma fase favorável para alcançar o conhecimento objetivo da Revelação e de sua justa valorização. O mistério cristão é apresentado com rigor científico, sublinhando a coerência interna com o pensamento religioso e científico. Propõem-se cinco perspectivas nesse estágio: mensagem e acontecimento cristão no processo de assimilação crítica da tradição cultural; mensagem cristã com suas implicações sociais de modo a trabalhar a consciência moral e a relação com as ciências, igrejas cristãs; mensagem cristã e sua vertente moral em diálogo com os sistemas morais contemporâneos; mensagem cristã em ordem à educação da dimensão religiosa da personalidade, a partir da dimensão cristocêntrica, analisando a relação de Jesus com Deus, como Filho do Pai, e, por último, uma introdução teológica à totalidade do mistério cristão, mediante a apresentação científico-teológica do núcleo cristão.<sup>856</sup>

Sinteticamente, podemos dizer que o processo catequético, nas várias etapas da idade escolar, pode se organizar tendo em conta os seguintes eixos: de três a seis anos, desperta para o mistério cristão; de sete a onze, toma conhecimentos dos mistérios cristãos *em si*; de doze a quatorze, assume os mistérios cristãos *para si* e de quinze aos dezesseis, a análise dos mistérios cristãos na relação com a cultura.

Porém, é importante ressaltar que os temas apresentados, os saberes propostos são simplesmente mediações para o processo de crescimento espiritual da pessoa humana. Iluminado pela contemplação dos mistérios da vida de Cristo, este crescimento, mesmo difícil de ser mensurado, tal como são as dimensões cognitiva e moral, se explicita em alguns movimentos vividos pela única referência da humanidade. Nele, o crescimento não segue uma linha ascendente, mas paradoxalmente descendente. A dinâmica do ser humano vai na direção do crescimento em poder, riqueza e honras para conduzir os demais, a partir de cima, pela lógica do êxito. No entanto, a perspectiva cristã e inaciana aponta que crescer é 'ir para baixo', é perder-se. O Filho de Deus aparece como pobre, pequeno, humilhado e torturado. O crescimento se funda no desinteresse que penetra de

---

<sup>856</sup> CEEC, *La enseñanza religiosa escolar*, p. 43 passim.

cheio no mundo de Deus e na entrega de si a Ele. Por isso, o ser humano será convidado a permanentemente sair de seu próprio querer e interesse para centrar-se no interesse e na vontade de Deus.<sup>857</sup>

Do ponto de vista da organização do processo de evangelização, é importante ter em vista que o espaço escolar tal como esta se configura deve ser repensado. Não se pode pressupor, sem mais, que todas as pessoas vivam no mesmo ritmo a sua experiência religiosa e cristã. Se o objetivo for o de apresentar um conteúdo religioso de ordem cultural, basta o espaço tradicional que atende a todos sem tomar em conta as perguntas e experiências de educação à fé e da fé. Se o propósito for o de respeitar os ritmos de cada pessoa ou conjunto de pessoas, o espaço deverá ser diferenciado conforme o diagnóstico da experiência espiritual. Nesse caso, não há uma única modalidade de evangelização válida para todos, nem mesmo um único processo mistagógico e catequético. O desafio consiste em repensar os espaços e tempos escolares conforme os processos vividos pelos educandos.

---

<sup>857</sup> Ex 100.

## Conclusão

Como fundamentar o ensino religioso? Que processos seguir e que conteúdos propor ao mesmo? Estas foram as perguntas que motivaram a terceira e última parte da tese. As duas últimas, a bem verdade, dependem da resposta que se dê a primeira questão. Será o religioso desse ensino algo constitutivo do ser humano ou algo decorrente de outros contextos? Esta resposta não é simples, mas encontra em Inácio uma proposta singular.

Filosoficamente, a tese ontológica afirma que o ‘religioso’ é considerado uma predisposição humana. O ser humano é, por excelência, tido como *homo religiosus*. “Essa premissa baseia-se na filosofia do neoplatonismo: o ser supremo se derrama na criação. O ser humano tem parte nesse ser, sendo, portanto, ele próprio divino. A religiosidade é, por conseguinte, parte integrante e essencial do ser humano”.<sup>858</sup>

O pressuposto de que a idéia de Deus é inata à natureza humana parece desmentida porque há segmentos, ainda que numericamente pequenos conforme demonstrou a pesquisa, que se afirmam sem nenhum vínculo religioso. Parece possível abrir mão da religião e viver numa imanência radical.

Há quem defenda a tese de que a religiosidade teria fundamento psicológico.<sup>859</sup> Ela seria um meio de enfrentar a vida, seus riscos e os conflitos. Ela integra sua trajetória e lhe confere sentido. Freud diria que a pergunta pelo sentido é doentia e que, por isso, a religião é um fenômeno neurótico.<sup>860</sup> A religião é fundada em conflitos pulsionais inconscientes. Ela é a neurose obsessiva coletiva. O desafio está em saber o que de fato é religião, o que é religião verdadeira, o que é fé e sua diferença em relação a superstições.

---

<sup>858</sup> HANS, J. F. *Teorias da religiosidade. Religião, Cultura e educação*. São Leopoldo, Unisinos, 2006, p. 43.

<sup>859</sup> LUCKMANN, T. *The invisible religion: the problem of religion in modern society*, New York, 1967.

<sup>860</sup> HANS, J. Fraas, art. cit., p. 45

Há quem busque uma fundamentação sociocultural da religiosidade.<sup>861</sup> É um comportamento que, mediado pela sociedade, responde às condições da vida biológica. Determinadas formas de comportamento são transmitidas à criança pela socialização familiar e pelo ambiente da primeira infância. Nesse caso, a religião faria parte da inculturação por via da imitação e do reforço social. O desafio é saber se de fato a família é religiosa a ponto de transmitir e tornar o comportamento religioso de seus descendentes.

Conhecida também é a tese fenomenológica de Rudolf Otto. A religiosidade é um comportamento responsivo à experiência do numinoso, do inquietante, que, ao mesmo tempo, fascina e assusta. Isso se refere aos eventos naturais, mas também ao poder do destino, na situação de nascimento e morte.<sup>862</sup> O desafio consiste em saber se essa tese se aplica ao contexto de industrialização e tecnificação avançados que afeta todos os níveis da existência humana atual.

Numa perspectiva cultural, o ser humano, mesmo sendo parte da natureza, rompe com ela, dada a sua insegurança diante das perguntas não respondidas. A religiosidade nasce quando ele sai do nexos da natureza e é capaz de criar relação com o ambiente, com a sociedade e com a realidade abrangente, transcendente. A religião é uma parte da cultura e, por isso, pertence estruturalmente ao ser humano.<sup>863</sup>

Há, assim, várias tentativas para buscar entender o religioso dessa abordagem de ensino. Todas captam alguns de seus aspectos, porém, na perspectiva inaciana, o religioso não se restringe a *relegere*, enquanto leitura e releitura do fenômeno religioso geral, mas também inclui o *religare*: capacidade de ligar o ser humano à sua fonte originária. Para Inácio, o religioso nasce de outra fonte. Nasce da autocomunicação de Deus ao ser humano e pressupõe sua acolhida, uma resposta na fé. Essa experiência foi vivida integralmente pelo próprio Inácio a partir de sua conversão e ficou registrada em seus escritos. Pode-se dizer, que na perspectiva inaciana, há no ser humano uma abertura - espírito - para acolhida do Deus que se revela. Essa abertura e acolhida é mediada pelo

---

<sup>861</sup> Ibid., p. 46

<sup>862</sup> RUDOLF OTTO. *O sagrado e o profano*, 1932

<sup>863</sup> HANS J. Fraas, art., cit., p. 49

encontro do espírito humano e o Espírito de Deus (Ex. 15). Esta dimensão espiritual é objeto da educação.

Cada pessoa foi e continua sendo criada por Deus (Ex 23) e Deus se faz presente em toda a realidade e pode ser encontrado nela (Ex 232). Inácio tem um cuidado especial com cada pessoa. Exercitou a *cura personalis* com os seus exercitantes e companheiros. Deu Exercícios personalizados segundo o contexto e realidade de cada pessoa. Por isso, pensar um ensino religioso em sua perspectiva significa superar modelos e esquemas massificantes e buscar processos personalizados, que partam de onde as pessoas se encontram existencialmente. Isto requer, inclusive, o repensamento do modelo de aula e de sala de aula vigente e uniforme. As questões existenciais encontrarão respostas também personalizadas diante da contemplação dos mistérios de Cristo: verdadeiro fundamento da história, o que em última instância, constitui os ‘conteúdos’ da formação religiosa.

Entretanto, como não vivemos mais numa realidade marcada pela cristandade, mas pela diversidade religiosa e cultural, numa sociedade globalizada, o ensino religioso inaciano é desafiado a incluir em seu interior o religioso entendido como *relegere*. Primeiro, porque o fenômeno religioso faz parte da cultura na qual os educandos estão inseridos. Segundo, porque o conhecimento do fato religioso pode se constituir num preâmbulo à fé cristã, na medida em que cultiva a busca humana por respostas aos seus problemas ao longo da história, da busca pela Transcendência, entendida de modos plurais nas diferentes épocas.

De outro lado, o ensino religioso abre as portas para as outras etapas do processo de evangelização. Nesse sentido, o termo religião entendido como *religare* encontra seu sentido na medida em que a escola propõe o cultivo da espiritualidade que confere sentido personalizado à busca humana nas relações com Deus, com os outros, a natureza e o mundo.